



CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE FALANTES ÍTALO-BRASILEIROS EM CHAPECÓ-SC

Débora Isabel Funkler (UFFS)¹
debora.funkler@hotmail.com

Cristiane Horst (UFFS)²
cristianehorst@uffs.edu.br

Marcelo Jacó Krug (UFFS)³
marcelokrug@uffs.edu.br

RESUMO: Com o presente trabalho, temos o objetivo de investigar, a partir do contato linguístico *talian*-português rio-grandense, as crenças e atitudes linguísticas de falantes ítalo-brasileiros que residem na capital do oeste catarinense, Chapecó. Amparados nos estudos da dialetologia pluridimensional e relacional, bem como em pesquisas realizadas nas ramificações de crenças e atitudes linguísticas, realizaremos uma análise dos dados do projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC)*. Esses dados correspondem a um questionário geral e lexical respondido por oito informantes ítalo-brasileiros, isto é, com sobrenome de pai e mãe com descendência italiana. Os dados foram coletados com base na dialetologia pluridimensional e relacional, considerando as seguintes dimensões: diastrática (escolarização – Ca – com graduação ou mais – Cb de nenhuma escolaridade até Ensino Médio), diasssexual (gênero/sexo) e diageracional (idade-GII – 55 anos ou mais – GI – de 18 a 36 anos de idade). Através desta pesquisa, identificaremos e descreveremos as crenças e atitudes linguísticas desses informantes e realizaremos uma análise em se tratando da influência dessas crenças e atitudes linguísticas na manutenção e substituição dos termos de parentesco por aliança. A importância deste estudo justifica-se pelo fato de que as crenças e atitudes linguísticas podem ser responsáveis por mudanças linguísticas ocorrentes em línguas minoritárias inseridas em comunidades de contatos linguísticos complexos como, por exemplo, a cidade de Chapecó. Dessa forma, acreditamos que as crenças e as atitudes negativas podem interferir na sobrevivência do dialeto *talian* na região, da mesma maneira que apenas atitudes positivas não bastam para que a língua seja mantida. Ademais, existem poucas pesquisas no campo das crenças e atitudes linguísticas, especialmente na região do oeste catarinense, por isso, esses estudos fomentarão as discussões e problematizações acerca deste ramo. Por outro lado, esta pesquisa complementar os estudos do projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC)*.

PALAVRAS CHAVE: dialetologia pluridimensional e relacional; contato linguístico; crenças e atitudes linguísticas; *talian*-português rio-grandense; Chapecó-SC.

RESUMEN: Con el presente trabajo, tenemos el objetivo de investigar, a partir del contacto lingüístico *Talian*-portugués riograndense, las creencias y las actitudes lingüísticas de los hablantes ítalo-brasileños que residen en la capital de oeste de Santa Catarina, Chapecó. Apoyados en los estudios de la

¹ Acadêmica da 9ª fase do ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó.

² Doutora em Filologia Românica/ Letras. Professora do Mestrado em Estudos Linguísticos e do Curso de Graduação em Letras Português/Espanhol-Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul.

³ Doutor em Filologia Românica/ Letras. Professor do Mestrado em Estudos Linguísticos e do Curso de Graduação em Letras Português/Espanhol-Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul.



sociolingüística, la dialectología pluridimensional y relacional, así como en investigaciones realizadas en el ámbito de las creencias y actitudes lingüísticas, realizaremos un análisis de los datos del proyecto Atlas de las lenguas en contacto la Frontera del Oeste de Santa Catarina (ALCF-OC). Estos datos corresponden a un cuestionario general y lexical, respondidos por ocho informantes ítalo-brasileños, es decir, con el apellido del padre y de la madre ascendencia italiana. Los datos fueron recolectados con base en la dialectología pluridimensional y relacional teniendo en cuenta las dimensiones: diastrática (escolarización - Ca - con grados o más - Cb ningún tipo de educación a la escuela secundaria), diasssexual (género / sexo) diageracional (edad-GII - 55 años o más - GOI - 18 a 36 años). A través de esta investigación, identificaremos y describiremos las creencias y actitudes lingüísticas de estos informantes y realizaremos un análisis en se tratando de la influencia de estas creencias y actitudes lingüísticas en la manutención y sustitución de los términos de parentesco por alianza. A importancia de este estudio se justifica por el hecho de que las creencias y las actitudes lingüísticas pueden ser responsables por los cambios lingüísticos en las lenguas minoritarias insertadas en las comunidades de contacto lingüísticos complejos, tales como Chapecó. Por lo tanto, creemos que las creencias y actitudes negativas pueden interferir en la supervivencia del Talian en la región, de la misma manera que las actitudes positivas no son suficientes para que la lengua sea mantida. Por otra parte, hay pocas investigaciones en el campo de las creencias y las actitudes lingüísticas, especialmente en la región oeste de Santa Catarina. Además, estos estudios fomentarán las discusiones y problematizaciones acerca de este ramo. Sin embargo, esta investigación complementará los estudios del proyecto Atlas de las lenguas en contacto la Frontera del Oeste de Santa Catarina (ALCF-OC).

PALABRAS CLAVE: dialectología pluridimensional y relacional; contactos lingüísticos; creencias y las actitudes lingüísticas; Talian – Portugués Riograndense; Chapecó-SC

Introdução

As crenças e atitudes linguísticas exercem um papel de extrema relevância nas mudanças de uma língua minoritária em determinadas comunidades. Nesse sentido, as avaliações positivas ou negativas dos falantes frente às línguas faladas são responsáveis pela manutenção ou substituição dessas línguas em diferentes localidades.

Chapecó, capital do oeste catarinense, por exemplo, está localizada numa região que foi colonizada especialmente por descendentes de italianos, vindos das colônias do Rio Grande do Sul no século XX, como apontam os estudos de Radin (2001). Esses descendentes, num primeiro momento, comunicavam-se por uma variedade linguística local, o *Talian*. No entanto, com as campanhas de nacionalização no Brasil, o uso dessa língua restringiu-se ao ambiente familiar. Todavia, nos dias atuais ainda encontramos variantes do *Talian* na região, como apontam os estudos de Bortolotto (2015).

Diante desse contexto, objetivamos nesta pesquisa, investigar, a partir do contato linguístico *Talian*-Português rio-grandense, as crenças e as atitudes linguísticas de



falantes ítalo-brasileiros que residem em Chapecó. Para tanto, as discussões aqui apresentadas serão embasadas a partir dos estudos nas áreas de contatos linguísticos, de manutenção e substituição linguística, dialetologia pluridimensional e relacional, bem como em pesquisas realizadas nas ramificações de crenças e atitudes linguísticas, como Aguilera (2008), Botassini (2008), Uflacker e Schneider (2008), Pastorelli (2011), Uflacker e Schneider (2008), Kaufmann (2011) e Busse e Sella (2012), entre outros.

As discussões analíticas deste trabalho ocorrerão a partir de um recorte, que consiste em 6 (seis), de 22 (vinte e duas) perguntas metalinguísticas respondidas por oito informantes ítalo-brasileiros. Essas perguntas metalinguísticas correspondem aos dados do projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC)* e possibilitam identificar as crenças e linguísticas desses entrevistados.

Cabe ressaltar que os informantes foram eleitos a partir dos pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional, considerando as dimensões diastrática, diageracional e diasssexual. Dessas seis perguntas, quatro possibilitam uma resposta objetiva do informante e as outras duas respostas descritivas. Além das perguntas apresentadas no questionário geral metalinguístico, analisaremos também as respostas desses informantes referentes a 16 (dezesesseis) questões acerca do uso dos termos de parentesco por aliança (marido, esposa, homem, mulher, sogro, sogra, genro, nora, cunhado, cunhada, padrasto, madrasta, enteado, enteada etc).

Com base nas respostas espontâneas do questionário lexical, ou seja, a partir do uso real da língua, discutiremos sobre a influência das crenças e atitudes linguísticas dos indivíduos, principalmente no que se refere à manutenção ou à substituição dos termos de parentesco, na variedade do *Talian*, na comunidade de pesquisa, Chapecó. Dessa forma, num primeiro momento descreveremos e apresentaremos as crenças e atitudes e, por fim, discutiremos sobre a influência dessas na manutenção e substituição dos termos de parentesco por aliança.

Sobre a organização deste trabalho, destacamos que serão apresentadas na primeira seção reflexões acerca dos aportes teóricos já mencionados. Depois disso, apresentaremos as análises que serão discutidas em dois momentos. No primeiro

momento, as discussões serão embasadas a partir das respostas dos informantes ao questionário geral e posteriormente, discutiremos sobre as influências das crenças e atitudes linguísticas registradas em se tratando da manutenção e substituição dos termos de parentesco por aliança. Essa última análise será discutida em três partes, ou seja, considerando as três dimensões da dialetologia pluridimensional e relacional, que correspondem à dimensão diastrática (escolarização – Ca – com graduação ou mais – Cb de nenhuma escolaridade até Ensino Médio), diasssexual (gênero/sexo) e diageracional (idade-GII – 55 anos ou mais – GI – de 18 a 36 anos de idade). A análise a partir dessas dimensões nos possibilitará averiguar em que geração, sexo ou classe a língua minoritária é usada com mais frequência ou substituída pela língua majoritária, o português riograndense.

Partimos, portanto, do pressuposto de que os contatos linguísticos que ocorrem na comunidade de estudo podem desencadear diferentes reações de falantes diante das variantes faladas. Por isso, a relevância deste estudo encontra-se, justamente, na compreensão dessas reações em relação à preservação desta variedade em Chapecó, bem como no que essas crenças e atitudes linguísticas contribuem nas mudanças linguísticas de traços ou marcas dessa língua na região, uma vez que faz parte da identidade, da história e da cultura de grande parte da população local.

Ademais, existem poucas pesquisas no campo das crenças e atitudes linguísticas, especialmente na região do oeste catarinense e, por isso, acreditamos que esses estudos fomentarão as discussões e problematizações acerca deste ramo. Além disso, esta pesquisa complementarará os estudos do projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC)*.

2 O contato entre línguas: O Português Riograndense⁴ e as línguas de imigração

Para Altenhofen e Margotti (2011), os fluxos imigratórios que ocorreram entre os

⁴ Neste artigo, a variedade do português é representada pelo português rio-grandense, como acentua Altenhofen (2008), Horst e Krug (2012), Klein e Horst (2015), falado no Rio Grande do Sul e em partes de Santa Catarina.

séculos XIX e XX desencadearam no Brasil um cenário de contato linguístico multilíngue, principalmente na região sul, que recebeu a maioria desses imigrantes para a colonização de novas terras. Com a vinda dos imigrantes europeus e asiáticos, o Português, língua oficial do país, obteve diferentes contatos linguísticos e culturais, e tais contatos provocaram inúmeras transformações no contexto linguístico do território. Desse modo, os contatos presentes em nossa região permitiram o desenvolvimento de uma variedade linguística portuguesa, ou seja, o português rio-grandense.

Em números, de acordo com Altenhofen e Morello (2013), existem mais de 51 línguas de imigração faladas no Brasil. Entretanto, o alemão e o italiano se sobressaem, tanto pela quantidade de falantes, quanto pelas áreas nas quais é possível registrar a presença de ambas as línguas. Segundo Altenhofen e Margotti (2011),

Ambas as línguas ocorrem prioritariamente como variedades dialetais fortemente modificadas pela história social no meio brasileiro e pelos diversos contatos linguísticos, sobretudo com o português e com outras variedades dessas línguas (ALTENHOFEN, MARGOTTI, 2011, p.305).

Dessa forma, os autores salientam que muito mais do que línguas, o que de fato entra em contato são as variedades individuais (ou idioletos), pois consideram que o uso das línguas varia de tal modo que é difícil determinar se um comportamento é individual ou coletivo. Um exemplo disso é o italiano, pois apresenta variações dialetais muito acentuadas, provenientes da região de cada imigrante. Ou seja, no caso do italiano, o que prevaleceu foi um dialeto com base do vêneto e lombardo, constituído através de uma *coiné* chamada de *Talian*.

Para Raso, Mello e Altenhofen (2011), mesmo exercendo fortes influências na configuração do português brasileiro, as línguas de imigração, ou alóctones (originárias de fora do país), ainda assumem um papel marginal nos estudos de descrição do português falado no Brasil. Sobre o exposto, Altenhofen e Margotti (2011) ressaltam que os contatos entre o português e as línguas imigratórias colocam o país entre os mais plurilíngues do mundo. No entanto, o que prevalece neste contexto é o discurso de que somos um país monolíngue, ou seja, que falamos apenas uma língua, a língua portuguesa. Como



consequência, pouca atenção é dada ao papel do contato entre línguas de imigração e o português.

Sobre este cenário, Raso, Mello e Altenhofen (2011, p.37) apontam que “o tratamento dado às línguas de imigração reflete, muitas vezes, a influência de ideologias, bem como a incompreensão do que sejam línguas de imigração e do que representam para o conjunto da nação”. Além disso, Altenhofen acredita que as medidas proibitivas ocorridas na década de 1930 contra as línguas de imigração, assim como a falta de suporte para uma determinada língua, constituem ações de linguicídio, ou seja, atitudes que podem favorecer a mortandade de línguas.

Nesse sentido, a ideia de um país monolíngue incide fortemente sobre a preservação e sobrevivência das línguas minoritárias em determinadas comunidades. Além disso, quando tratamos sobre a língua, estamos tratando sobre a identidade de um sujeito, sendo que a morte forçada de uma língua acarreta na morte da identidade, da cultura e da história de um indivíduo. Ainda sobre este viés, Corbari (2013) afirma que,

O contato entre línguas é, na verdade, um contato entre falantes, o que implica uma relação que não pode ser neutra, mas marcada por atitudes, sentimentos e juízos de valor por parte dos falantes, seja em relação a eles mesmos e à própria fala, seja em relação ao outro e à sua fala. (CORBARI, 2013, p.39)

Portanto, quando falamos sobre línguas em contato, falamos sobre sujeitos em contato, com etnias, princípios, valores e culturas diferentes. Desse modo, contatos linguísticos não envolvem somente línguas, mas também questões sociais, culturais e políticas.

3 Crenças e atitudes linguísticas

De acordo com Aguilera (2014), os primeiros estudos sobre crenças e atitudes ocorreram na área da psicologia social. O precursor da introdução da linguagem como objeto de estudo nesse campo foi o psicólogo social Lambert (1968). Segundo Uflaker e



Schneider (2008), coube a esse psicólogo a preocupação com os aspectos sociais, ideológicos e culturais da linguagem.

Para as autoras Uflaker e Schneider, “a Sociolinguística passa a analisar a linguagem sob uma perspectiva socioeconômica, o que faz da linguagem um elemento sinalizador da identidade social dos indivíduos (2008, p.35)”. Neste mesmo viés, Aguilera (2008) acredita que um traço definidor da identidade do grupo é a variedade linguística assumida e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos pode ser uma reação às variedades usadas por ele, ou aos indivíduos usuários dessa variedade. Dito de outra forma, além das interferências nas variações e mudanças linguísticas, as atitudes podem interferir na constituição da identidade social do indivíduo, uma vez que este toma a língua como fator de inclusão em determinado grupo.

Em relação ao conceito de atitude linguística, podemos utilizar os estudos de Busse e Sella (2012, p.85) que citam Lambert e Lambert (1967, p. 77), os quais pontuam que atitude linguística é “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Nesse sentido, as atitudes linguísticas podem se tornar uma reação favorável ou desfavorável a uma determinada língua, influenciadas por fatores externos, como a família, os amigos, a religião e o trabalho. Além disso, Corbari (2013) pontua que o conceito de atitude linguística engloba diversas dimensões, desde atitudes com relação a variedades linguísticas e estilos de fala, passando pelas atitudes com relação ao aprendizado de uma língua. Tal afirmação é evidenciada quando nos deparamos com o ensino de línguas de imigração sendo aprendidas em suas variedades padrões⁵.

No entanto, López Morales (2004 apud Botassini 2011) afirma que existem dois grupos com definições distintas sobre atitudes, as de origem mentalista e as de origem condutivista ou comportamentalista. De acordo com o autor, a definição mentalista toma a atitude como um estado de disposição, uma variável que interfere na relação entre um estímulo que afeta uma pessoa e a sua resposta a ele. Para Morales, essa concepção detém

⁵ Ver Parcianello (2013).

um problema metodológico, pois a atitude não pode ser analisada ou observada. Já a concepção condutivista ou comportamentalista permite que as atitudes sejam estudadas partir das respostas dos falantes.

Segundo López, a maior parte das investigações amparam-se na concepção mentalista, como, por exemplo, os estudos de Kaufmann (2011). Em seus estudos, o autor divide as atitudes em três componentes: o componente cognitivo que reflete as convicções e crenças sobre o objeto da atitude; o componente afetivo que considera a avaliação positiva ou negativa do objeto da atitude; e o componente conotativo, relacionado à conduta do indivíduo.

Desse modo, podemos distinguir crenças de atitudes, uma vez que a primeira tende a ser responsável pelo surgimento da segunda. E a atitude tende a influenciar o comportamento do sujeito diante de uma língua ou seja, o seu uso na sociedade. Sobre as crenças, Pastorelli salienta que,

Estas podem estar integradas, portanto, por uma suposta cognição e por um integrante afetivo, ambos de origem social; e, ainda que nem todas as crenças produzam atitudes, em sua maioria, elas revelam uma tomada de posição do sujeito, ou seja, as relações que o sujeito possui com o meio social em que está inserido, são responsáveis pela criação de suas crenças, assim como pelas atitudes (PASTORELLI, 2011, p.24)

Além disso, Kaufmann (2011, p.122) acredita que “as pessoas tendem a ajustar suas atitudes para se adequarem àquelas que são predominantes nos grupos sociais a que se vinculam”. Nessa mesma perspectiva, Aguilera (2008) pontua que as atitudes de valorização ou de rejeição às variedades de língua em uso são reguladas pelos grupos de maior prestígio social, ou os mais altos na escala socioeconômica, os quais ditam o que tem prestígio e *status*. Da mesma forma, Dal Corno, Faggion e Frosi (2011, p.23) também pontuam que as atitudes linguísticas tendem a ser afetadas por idade, gênero e status socioeconômico dos falantes.

Dito de outra forma, a partir das atitudes de determinados falantes é possível constatar a preferência ou a recusa por determinada variante de uma língua. Na maioria

das vezes, o que prevalece são as variantes de prestígio social elevado, como aquelas aceitas pela norma culta. Por isso, os falantes de variantes com menos prestígio social tendem a abandonar seus traços linguísticos para adaptar-se ao contexto social em que estão inseridos, uma vez que a língua pode ser vista como um meio de ascensão social, como demonstram os estudos de Aguilera (2008).

As atitudes linguísticas, portanto, podem ser positivas ou negativas, “mas nunca neutras”, como afirma Morales (2004, apud, Botassini, 2011). Na maioria dos casos, as atitudes demonstrarão o posicionamento do sujeito em relação a uma língua e ao seu uso na sociedade. Esse posicionamento é influenciado pelo meio social, assim como pelas emoções, sentimentos ou comportamentos. Uma vez aprendidas, dificilmente serão excluídas, o que pode ocorrer é um processo de adequação, no qual o sujeito adéqua a sua atitude por circunstâncias ou necessidades, comportando-se de maneira distinta ao que realmente pensa.

Ademais, de acordo com Dal Corno, Faggion e Frosi (2011) que citam Grosjean (2001), as atitudes negativas podem levar a sete consequências, sendo que as seis primeiras são consequências negativas e somente a última torna-se positiva. São elas:

- 1) A língua majoritária é aprendida como primeira língua pelos grupos majoritário e minoritário;
- 2) A língua majoritária é aprendida como primeira língua pela segunda geração;
- 3) Os falantes da língua minoritária revelam insegurança quanto ao que pensam saber sobre a(s) língua(s);
- 4) O uso da língua minoritária é mais restrito;
- 5) Ocorre a substituição da língua minoritária;
- 6) Os falantes temem o risco de revelar aculturação incompleta por empréstimos ou alternâncias de código;
- 7) A consciência étnica provoca reforço de lealdade e solidariedade no grupo; (Grosjean, 2001 *apud* Dal Corno, Faggion, Frosi, 2011, p. 24)

Diante desse contexto, os estudos nas ramificações de crenças e atitudes linguísticas tornam-se importantes pelo fato de que ajudam a compreender as mudanças

linguísticas que ocorrem em uma determinada língua, assim como o posicionamento ou comportamento do indivíduo perante uma variante ou o uso desta.

Por fim, as atitudes influenciam fortemente a valorização ou desvalorização de uma variedade dialetal. E a valorização ou desvalorização de uma variante incide na identidade do sujeito, uma vez que existem casos de pessoas que abandonam ou mudam o seu jeito de falar como consequência da desvalorização da sua variante. Contudo, para Aguilera (2008), as atitudes implicam, sobretudo, na construção identitária do sujeito, pois a língua é um fator determinante na identificação do indivíduo, assim como a de um grupo.

4 Manutenção e substituição linguística

Como já mencionamos anteriormente, a diversidade linguística presente no Brasil fez com que o país se tornasse um dos mais plurilíngues do mundo. Entretanto, de acordo com Pertile (2009), o plurilinguismo brasileiro está ligado a uma concepção política e ideológica, que para Fishman (1988, Lambert, 1972 e Oliveira, 2000, apud, Pertile, 2009) tem como princípio a valorização de línguas com alto *status* e poder sócio-econômico-cultural, sendo parte constituinte de um processo de dominação que faz com que outras línguas sejam significadas por um caráter de inferioridade.

Nesse sentido, algumas línguas tendem a ser mais prestigiadas, enquanto outras não possuem *status* algum. Para Pertille (2009), o resultado dessa desvalorização é a substituição de uma língua de menor poder, minoritária, por uma língua de *status*, ou seja, majoritária. Segundo a autora, o que ocorre é um processo de substituição, perda e não de adição, fomento à aquisição bi-ou plurilíngue. Além disso, a autora salienta que questões sobre manutenção e substituição linguística ou fomento à aquisição bi-ou plurilíngue podem ser colocadas no mesmo lado de uma moeda, não sendo necessariamente opostas, pois são termos considerados complementares frente às diversidades linguísticas. No lado reverso da moeda encontraríamos o linguicídio e a mortandade de línguas.

Sobre a perda de uma língua, Skutnobb-Kangas e Phillipson (1996, apud, Pertile

2009) propõem o termo “linguicismo” (*linguicism*) para definir o processo que conduz uma língua à extinção. Para os autores,

Linguicismo é análogo a racismo e envolve questões que legitimam, efetuam e reproduzem um desequilíbrio na divisão do poder e das comunidades avaliadas pela sua linguagem. Portanto, pode referir-se tanto a linguagem como a seus falantes. Paralelamente, estende-se “linguicídio” (*linguicide*) por termo análogo a genocídio, como resultado do linguicismo, explicado muitas vezes como um fenômeno natural pelo qual passam todas as línguas, como períodos de ascensão e declínio, comparáveis a organismos que se desenvolvem, florescem e murcham, ou ainda, vítimas das leis do progresso, neste caso, visto como uma incapacidade de adaptação dos falantes ao mundo moderno (SKUTNOOB-KANGAS e PHILLIPSON 1996, p.667, apud, PERTILLE, 2009, p. 40)

Ademais, Pertile (2009) destaca que os fatores que mais acarretam a manutenção e a substituição de determinadas línguas são: o seu *status* e os fatores institucionais, midiáticos, histórico-políticos, demográficos, econômicos, geográficos e atitudinais. Da mesma forma, Appel e Muysken (2005) salientam que existem três fatores que favorecerão a manutenção de línguas, a saber: o fator de *status* (relacionado às questões econômicas); os fatores demográficos (ligados à questões geográficas, como as zonas urbanas e rurais, ou seja, o local onde se concentram os falantes); e, por último, o suporte institucional, interligado com a maneira como as línguas são representadas e conduzidas pelas instituições do Estado.

Entretanto, Weinreich (1964 apud Pertile, 2009), destaca que os fatores que irão favorecer mais o uso de uma língua em detrimento de outra serão os extralinguísticos. Do mesmo modo, Kloss (1966 apud Pertile, 2009), defende que existem seis fatores que são consideráveis favoráveis à manutenção e à substituição de línguas: o isolamento religioso-societal, as épocas de imigração, a existência de ilhas linguísticas, a presença de escolas paroquiais de comunidades minoritárias, a experiência de pré-imigração com esforço de manutenção da língua e o uso da língua minoritária como língua oficial durante certos períodos, sendo que esses últimos cinco referem-se às atitudes de manutenção da língua minoritária frente às ações de impedimentos de manutenção.

Contudo, de acordo com Pertile (2009), dos fatores linguísticos e extralinguísticos



determinantes de uma maior ou menor manutenção ou substituição linguística, a questão das atitudes assume um papel central. Para Fishman (1972 apud Pertile, 2009), a atitude é o fio condutor no uso, na escolha, na manutenção e na substituição de línguas. De acordo com a autora, assim como as atitudes constroem uma língua a partir das intervenções no comportamento linguístico do falante, elas também podem favorecer mudanças. Portanto, as atitudes, assim como as crenças linguísticas, estão associadas ao sucesso da manutenção de uma língua, da mesma forma que estão atreladas à sua substituição.

5 A Dialetologia pluridimensional e relacional

De acordo com Thun (1998), a dialetologia pluridimensional e relacional é a “disciplina de la ciencia general de la variación lingüística⁶”, e surgiu da junção entre a dialetologia areal com a sociolinguística. Para Borella (2014, p.41), “diferentemente da dialetologia monodimensional, que se restringe exclusivamente à variação diatópica deixando de abordar diferentes variáveis extralinguísticas, e da sociolinguística que avalia diferentes dimensões em um só espaço”, a dialetologia pluridimensional e relacional surge para averiguar diferentes variáveis extralinguísticas em diversos pontos e localidades de pesquisa. Para Thun (1998), a dialetologia pluridimensional e relacional nasce para suprimir as necessidades deixadas por essas duas abordagens, a areal e a sociolinguística.

Nesse sentido, segundo Horst,

Pluridimensional resume as seguintes variáveis, conforme Thun (1999): diatópica (variação no espaço), diastrática (variação a partir das classes sociais), diageracional (por idade), diafásica (a partir de diferentes estilos, como por exemplo, leitura, conversa livre, dentre outras), diatópicocinética (a diferença entre informantes topostáticos e topodinâmicos), diareferencial (a diferença entre a fala “objetiva” e fala metalinguística) e dialingual (referente ao contato de língua). “Relacional” é a outra característica do método aqui descrito e ela consiste em relacionar os diferentes parâmetros variacionais, que acaba sendo um resumo para a apresentação cartográfica, como por exemplo, a comparação dos resultados de diferentes gerações (HORST, 2011, p.

⁶ Tradução livre: “Disciplina da ciência geral da variação linguística”.

76)

Ademais, segundo Borella (2014), um dos méritos da dialetologia pluridimensional se encontra no fato de que esse modelo trouxe para as pesquisas temas modernos, como as migrações e os contatos linguísticos. Além disso, para a dialetologia pluridimensional o que entra em contato não são línguas puras, homogêneas, mas sim complexos variacionais.

Sobre este viés, Borella (2014) também salienta que o foco dessa ciência de variação linguística não está mais na busca do “dialeto puro”, enfatizado pela dialetologia monodimensional, nem exclusivamente na dos socioletos, preferidos pela sociolinguística, mas sim na descrição do contínuo variacional, ao comparar uma variável com outra. Dessa forma, ao analisar os fenômenos linguísticos, a dialetologia pluridimensional e relacional leva em consideração, além da dimensão espacial, as dimensões sociais que envolvem os contextos políticos, históricos, geográficos e sociais.

6 Contextualização histórica: O cenário de contatos linguísticos e a colonização de Chapecó por descendentes de italianos

Figura 1- Mapa da localização de Chapecó no estado de Santa Catarina





Fonte: Google Imagens, 2016.

Como podemos verificar na Figura 1 (acima), Chapecó é uma cidade de médio porte, localizada no Oeste de Santa Catarina, inserida na bacia hidrográfica do rio Uruguai, cujo curso define a divisa com o estado do Rio Grande do Sul. Desses vizinhos, nas primeiras décadas do século XX, segundo Radin (2001), a “capital do oeste catarinense” recebeu a maior parte de seus colonizadores, predominantemente descendentes de italianos.

Sobre esse processo de colonização, Radin (2001) assegura que foi uma ação planejada e orientada pelo governo. De acordo com o autor, os donos das empresas de colonização rio-grandenses, diante das dificuldades em comercializar novas terras no estado, passaram a atuar na venda de novas terras localizadas no oeste catarinense. Para essas companhias, essas terras eram vistas como desocupadas. Entretanto, como apontam os estudos de Silva (2014), a cidade era habitada por caboclos e índios *Kaingang* e *Xokleng* que, mais tarde, diante de diversos conflitos, foram expulsos dessas terras. Dentro desse cenário, em meados do século XX, atraídos por discursos tendenciosos por parte das empresas colonizadoras, os descendentes de italianos passaram a ocupar as áreas da capital do oeste catarinense.

Mais adiante, já instalados no oeste catarinense, os descendentes de italianos entraram em contato com os caboclos que residiam na região. O contato entre as duas etnias ocorreu a partir do trabalho na terra, pois assim como nas colônias do Rio Grande do Sul, o sustento das famílias era gerado pela agricultura. Sobre o exposto, Radin (2001) destaca que a relação entre ambos foi marcada por traços preconceituosos, pois o italiano julgava ser superior ao caboclo. Segundo o autor, o modo de vida do caboclo, quando comparado ao do ítalo-brasileiro, era normalmente visto com desprezo, e seus costumes caracterizados como exóticos e não aconselháveis.

Sobre a vida destes ítalo-brasileiros nas terras catarinenses, Radin (2001) salienta que desenvolveram na região uma organização social peculiar, pois longe de sua pátria-mãe, os ítalo-brasileiros tiveram que adaptar-se e assimilar novos hábitos, crenças, culturas e costumes. De acordo com o autor,

O processo de aculturação e assimilação dos imigrantes fez com que a unificação de hábitos e costumes, num meio específico como destas colônias, desse origem a um modo de vida diferente do que viviam na Itália e do que lá se formou após a emigração. Vindos de regiões diferentes da Itália, na prática viveram aqui a sua unificação. Se lá eram vênéticos, lombardos, friulanos, trentinos, etc, aqui se tornaram “taliani”. As circunstâncias do novo meio fizeram com que esta unificação se desse de forma espontânea, sem planejamento ou direcionamento” (RADIN, 2001, p.62)

Nesse sentido, o autor acredita que o processo de assimilação e aculturação desenvolvido por esses descendentes tornou-se mais forte com as campanhas de nacionalização, modernização e com a popularização da escola e dos meios de comunicação social. Todos esses fatores, somados com os contatos com etnias diferentes, fizeram com que os ítalo-brasileiros incorporassem elementos da cultura nacional. Além disso, as campanhas de nacionalização rígidas implantadas na época, fizeram com que os descendentes de italianos restringissem o uso de sua língua materna, o *Talian*, apenas ao convívio familiar.

Contudo, ainda sobre o exposto, Silva (2014) salienta que em Chapecó nem todos os ítalo-brasileiros que se fixaram na cidade continuaram agricultores. Dito de outra forma, muitos permaneceram trabalhando na agricultura, outros, porém, tornaram-se comerciantes através do êxodo rural.

7 Procedimentos metodológicos

Com base nos referenciais teóricos discutidos anteriormente, o recorte deste trabalho consiste em 6 (seis), de 22 (vinte e duas) perguntas metalinguísticas⁷ respondidas por oito informantes ítalo-brasileiros. Esse corpus faz parte dos dados do *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC)* e possibilitam

⁷ KRUG, Marcelo Jacó. *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones a Argentina (ALCF)*. Direitos Reservados: FAPERGS/UFFS, 2013.

identificar as crenças e atitudes linguísticas desses entrevistados, residentes em Chapecó.

Cabe ressaltar que os informantes foram eleitos a partir dos pressupostos da dialetologia pluridimensional, considerando as dimensões diastrática, diageracional e diassexual. Desse modo, a primeira parte da análise será realizada a partir das seguintes questões:

Quadro 1: Perguntas Questionário Geral – ALCF-OC

Perguntas ALCF-OC	
1)	<i>Te capissi cossa quelaltri parla in talian: ledi? Canta? Scrivi? Brontola?prega? altri?/ Entende o que os outros falam em italiano: Lê ; Escreve; Imita; Canta; Xinga; Reza; e Outros. (vide Margotti, 2004);/ Vedere ciò che gli altri parlam in italiano: legge; scrive; imita; canta; maledizioni; Reza; e altri.</i>
2)	<i>(Só para os monolíngues em português) Como é que se deu de você não falar a língua de origem de seus antepassados, mesmo com pais/avós que falam? (vide Pertille, 2009 – adaptado)</i>
3)	<i>Chi Che parla in talian quà? Nonno; nona; pipa, mama, fradei; zii; cusini; amighi; visigni; maestri./ Quem fala italiano aqui? Avô; avó; pai; mãe; irmãos; tios; primos; amigos; vizinhos; professores. (vide Margotti, 2004);/ Chi parla italiano qui? Nonno; nonna, padre, madre, Fratelli; zii, cugini; amici; vicini; insegnanti.</i>
4)	<i>(Só para monolíngues em português) Lamenta ou não o fato de não falarem a língua de origem hoje? (vide Pertille, 2009).</i>
5)	<i>Come zelo el nome de questo talian che se parla quà?/ Como é o nome desse italiano que se fala aqui?/ Qual è il nome di questo italiano parlato qui?</i>

6)	<i>(Para bilíngues italiano-português) Gheto orgòlio o vergogna de la maniera che te ghè de parlar?/ Você/tu tem orgulho ou vergonha de seu modo de falar? (vide Pertille, 2009);/ Voi ghá orgoglio o vergogna del modo di parlare?</i>
----	---

Fonte: Projeto ALCF-OC, 2015

Dessas 6 (seis) perguntas, 4 (quatro) possibilitam uma resposta objetiva do informante, enquanto as outras 2 (duas), respostas descritivas. Além das perguntas apresentadas no questionário geral metalinguístico, analisaremos as respostas desses informantes referentes a 16 (dezesseis) questões acerca do uso dos termos de parentesco por aliança (marido, esposa, homem, mulher, sogro, sogra, genro, nora, cunhado, cunhada, padrasto, madrastra, enteado, enteada etc).

Com base nas respostas espontâneas do questionário lexical, discutiremos sobre a influência das crenças e atitudes linguísticas dos indivíduos em se tratando da manutenção ou substituição dos termos de parentesco na variedade do *Talian*, na comunidade de pesquisa, Chapecó. Para tanto, podemos, inicialmente, verificar o questionário lexical logo abaixo:

Quadro 2: Questionário lexical dos termos de parentesco por aliança, adaptado KRUG (2013)

Questionário Lexical	
<p>1) <i>Un omo se ga spartio e se ga maridà con nantra fémena, cossa la ze del fiol de quelaltro matrimònio?/ Um homem se separou e casou-se com outra mulher, o que ela é do filho do outro casamento?/ Un uomo si staccò e sposò un'altra donna, lo che la è di figlio di altro matrimonio?</i></p>	<p>a) <i>Maregna</i> () b) <i>Madrasta</i> () c) <i>Matrigna</i> ()</p>
<p>2) <i>E el fiol zelo che dea fémena nova de so pupà?/ E o filho é o que da nova mulher do seu pai?/ E lo figlio è lo che della nuova moglie di suo padre?</i></p>	<p>a) <i>fiastro</i> () b) <i>Enteado</i> () c) <i>Figliastro</i> ()</p>

	d) <i>Fiolastro</i> ()
3) <i>Na dona se ga spartio e se ga maridà con nantro omo. Cossa zelo lu dea fiola de quelaltro casamento?/ Uma mulher se separou e casou-se com outro homem, o que ele é da filha do outro casamento?/ Una donna si staccò e sposò un'altro uomo, lo che lo è di figlia di altro matrimonio?</i>	a) <i>Paregno</i> () b) <i>Padrasto</i> () c) <i>Patrigno</i> ()
4) <i>E la fiola zelo che del novo marido de so mama?/ E a filha é o que do novo marido da sua mãe?/ E La figlia è lo Che di nuovo marito della sua madre?</i>	a) <i>Fiastra</i> () b) <i>Enteada</i> () c) <i>Figliastra</i> () d) <i>Fiolastra</i> ()
5) <i>Come el omo ciama par la fèmena con chi se ga maridà?/ Como o homem chama para a mulher com quem se casou?</i>	a) <i>Donna</i> () b) <i>fèmene</i> () c) <i>Esposa</i> () d) <i>Donna</i> () e) <i>Sposa</i> ()
6) <i>Come la fèmena ciama par el omo con chi se ga maridà?/ Como a mulher chama para o homem com quem se casou?/ Come La Donna invita lo uomo com che ha sposato?</i>	a) <i>Mari</i> () b) <i>Omo</i> () c) <i>Esposo</i> () d) <i>Uomo</i> () e) <i>Sposo</i> ()
7) <i>E lori due i forma un?/ E os dois formam um?/ I due formano un?</i>	a) <i>Casal</i> () b) <i>Coppia</i> ()
8) <i>I genitori del mari o de la sposa i ze?/ Os pais do marido ou da esposa são os?/ Il genitori del marito o la moglie sono los?</i>	a) <i>Messieri</i> () b) <i>Sogros</i> () c) <i>Suoceri</i> ()
9) <i>El pupà del mari o de la sposa ze el?/ O pai do marido ou da esposa é o?/ Il padre del marito o di moglie è lo?</i>	a) <i>Missier</i> () b) <i>Sòcero</i> () c) <i>Sogro</i> ()

	d) Suocero ()
10) <i>La mama del marì o de la sposa ze la?/ A mãe do marido ou da esposa é a?/ La madre del marito o di moglie è la?</i>	a) Sòcera () b) Sogra () c) Suocera ()
11) <i>I fradèi del marì o de la sposa ze i?/ Os irmãos do marido ou da esposa são os?/ Il fratelli del marito o di moglie sono los?</i>	a) Cugni () b) Cunhados () c) Coniati ()
12) <i>El fradel del marì o de la sposa ze el?/ O irmão do marido ou da esposa é o?/ Il fratello del marito o di moglie è lo?</i>	a) Cugnà () b) Cunhado () c) Coniato ()
13) <i>E la sorela del marì o de la sposa ze la?/ E a irmã do marido ou da esposa é a?/ E la sorella Del marito o di La moglie è la?</i>	a) Cugnada () b) Cunhada () c) Coniata ()
14) <i>El marido o la sposa i ze che dei genitori de so compagno(a)?/ O marido ou a esposa são o que dos pais do seu companheiro (a)?/ Il marito o la moglie sono lo che genitori che di genitori di suo compagno (a)?</i>	a) Generi () b) Genros () c) () Generi
15) <i>El marì zelo che dei genitori de so fémena?/ O marido é o que dos pais de sua mulher?/ Il marito è lo che di genitori della sua moglie?</i>	a) Gènero () b) Genro () c) Genero ()
16) <i>La sposa zelo che dei genitori de so omo?/ A esposa é o que dos pais de seu marido?/ La moglie è lo che di genitori del suo marito?</i>	a) Niora () b) Nora () c) Nuora ()

Fonte: Projeto ALCF-OC, 2015

8 Análise dos dados

Nesta parte do trabalho, apresentaremos uma análise dos dados coletados pelo projeto ALCF-OC. Para isso, dividiremos essa seção em dois momentos: primeiramente, realizaremos uma discussão acerca das respostas referentes às perguntas selecionadas do questionário geral; depois disso, partiremos para a análise dos resultados apresentados através do uso dos termos de parentesco por aliança, considerando somente as respostas espontâneas dos entrevistados.

8.1 Análise das perguntas referentes ao questionário geral

Apresentaremos abaixo uma pequena análise referente aos resultados obtidos pelas perguntas selecionadas do questionário geral do projeto ALCF-OC. Para tanto, discutiremos num primeiro momento as respostas que dizem respeito às questões 1 (um), 2 (dois), 3 (três) e 4 (quatro). Essas respostas podem ser observadas no Quadro 3 (abaixo) e possibilitaram aos informantes uma resposta objetiva. Já os dados referentes às perguntas 5 (cinco) e 6 (seis) serão apresentados posteriormente e correspondem a respostas descritivas dos entrevistados.

Dessa forma, esses dados coletados a partir de conversas semidirigidas, possibilitarão um resgate das crenças e atitudes linguísticas destes informantes, registradas em suas falas. Para tanto, apresentaremos, descreveremos e analisaremos essas falas.

Quadro 3: Descrição de dados apresentados pelos informantes das perguntas contidas no questionário KRUG (2013) .

<p>PERGUNTAS ALCF-OC</p>	<p>1) Entende o que os outros falam em</p>	<p>2) Como é que se deu de você não falar a</p>	<p>3) Lamenta ou não o fato de não</p>	<p>4) Quem fala italiano aqui? Avó; avó;</p>
---------------------------------	--	---	--	--

Cidade	Gênero	Informante				
Chapeçó	Feminino	CaGII	CP	PNE	N	ID
		CaGI	C	PNE	S	AA
		CbGII	C/F	NA	NA	ID
		CbGI	NC	PNE	S	AA
	Masculino	CaGII	CP	PNE	S	PM
		CaGI	C/FP	PNE	S	AA
		CbGII	C/F	NA	NA	ID
		CbGI	NC	PNE	S	AA
<p>Legenda: C: Compreende, CP: Compreende pouco, C/F: Compreende e , fala, C/FP: Compreende e fala pouco NC: Não compreende, PNE: Pais não ensinaram, NA: Não se aplica, S: Sim, N: Não, AA: Avó/Avô, ID: Idosos, PM: Pai e Mãe.</p>						

Fonte: Projeto ALCF-OC, 2015

A partir das respostas apresentadas pelos informantes na questão 1(um), podemos verificar que a maioria deles são bilíngues passivos, ou seja, que compreendem uma variante do *Talian*, mas que, entretanto, não a falam. De acordo com Grosjean (2001), citado por Dal Corno (2011), essas respostas são consequências de uma atitude negativa



frente à variedade estudada, pois torna o uso da língua minoritária mais restrito. Dal Corno (2011) acredita que essa atitude esteja relacionada às campanhas de nacionalização realizadas no século XX aqui no Brasil, como também às mudanças de locais desses descendentes, uma vez que passaram a residir em zonas urbanas.

Todos esses aspectos, atrelados às crenças de que “a língua do grupo dominante, a língua de prestígio, é a mais bonita, mais expressiva, lógica, enquanto a minoritária tende a ser agramatical, empobrecida, rude” (Dal Corno, Faggion, Frosi, 2011, p.24), fizeram com que o uso da língua minoritária se tornasse cada vez mais restrito. Segundo os autores, a aquisição simultânea da variedade do *Talian* tornou-se mais rara a partir da quarta geração desses descendentes. Em suma, é o que podemos verificar nas respostas dos informantes na primeira questão, todos os informantes, exceto os informantes da CbGII, ou seja, os informantes mais velhos, além do informante CaGI que fala um pouco, compreendem a variedade, com exceção do informantes da CbGI, os mais novos.

Do mesmo modo, quando perguntados “Como é que se deu de você não falar a língua de origem de seus antepassados, mesmo com pais/avós que falam ? (Krug, 2013, vide Pertille, 2009 – adaptado)”, ou seja, a questão 2 (dois) do questionário geral, com exceção dos informantes da CbGII, que consideramos falantes bilíngues, todos responderam que os pais não lhes ensinaram a variedade do *Talian*. Alguns informantes, durante a conversa semidirigida, comentaram que compreendem a variedade porque ouviam os mais velhos conversar em casa, ou seja, ouviam as conversas do pai, mãe, avó, avô. O informante da CaGI afirma que o que aprendeu do *Talian* foi com alguns amigos, pois os pais não gostavam de ensinar. Essas respostas estão atreladas às consequências de atitudes negativas, como postula Grosjean (2001), citado por Dal Corno (2011), pois é perceptível que a língua majoritária foi aprendida como primeira língua por essas gerações.

Sobre este aspecto, Frosi (1996) salienta que é a estrutura familiar que decide qual será a língua materna adquirida pelos filhos. Desse modo, os pais influenciados pelas relações sociais que os cercavam na época, e entrelaçados com a crença de que “aprender português é mais importante”, buscaram ensinar aos filhos essa língua majoritária. Não

podemos nos esquecer de que a língua é vista como um meio de ascensão social, conforme afirma Pertile (2009), e nesse caso específico que estamos a analisar, aprender a língua portuguesa era uma atitude valorizada por representar uma possibilidade de ascensão social.

Ainda em se tratando da influência da família em relação a atitudes e crenças e aquisição de línguas, é importante que voltemos nossas análises para a pergunta número 4 (quatro), apresentada no Quadro 2. Grande parte das respostas indica que quem ainda fala a variedade do *Talian* na comunidade de estudo são os avós e os idosos, ou seja, a geração mais velha. Se voltarmos para as conversas semidirigidas, notaremos que a maioria dos entrevistados respondeu que compreende o *Talian* graças ao fato de ouvirem os avós falarem. Desse modo, é possível compreender a importância dos avós para o contato dos informantes com a língua de origem, como apontam, também, os estudos de Pertile (2009), uma vez que os mais velhos mantiveram suas variedades originais.

Esses dados, entretanto, possibilitam inferir, de acordo com Corbari (2013), que as línguas de herança estão sendo substituídas gradativamente ao longo das gerações. Tal situação é possível de ser constatada a partir dos dados apresentados pelo Quadro 2, pois somente os informantes mais velhos ainda utilizam a variedade minoritária.

Por outro lado, diante de consequências de atitudes negativas, deparamo-nos com posicionamentos positivos em relação ao aprendizado da variedade *Talian*, pois 85% dos informantes ítalo-brasileiros, com exceção dos informantes da CbGII e da entrevistada CaGII, que apresentou uma resposta negativa, todos os entrevistados lamentam o fato de não terem aprendido a língua de herança.

Com relação às perguntas 5 e 6, respectivamente,

Come zelo el nome de questo talian che se parla quà?/ Como é o nome desse italiano que se fala aqui?/ Qual è il nome di questo italiano parlato qui? e (para bilíngues ítaliano-português) Ghetto orgòlio o vergogna de la maniera che te ghè de parlar?/ Você/tu tem orgulho ou vergonha de seu modo de falar? (vide Pertille, 2009);/ Voi ghá orgoglio o vergogna del modo di parlare?,

Obtivemos as seguintes respostas. Para a pergunta cinco:

- a) “ Ah, eles falam que não é o italiano original, é meio misturado com o português, né ?” -GICb – M
- b) “Italiano de Origem” – CbGI-F
- c) “Não sei, não conheço” – GICa – F
- d) “Italiano a gente fala” – GICa- M
- e) “Não sei” – GIICa- M
- f) “ É regional, não é original, né?” – GIICa-F
- g) “ Italiano, nome certo não tem” – GIICb- M
- h) “ É quase o português..... *Talian*”- GIICb-F

Através dessas respostas, é possível verificar que somente a informante GIICb reconhece o nome da variedade falada na região, enquanto os outros informantes desconhecem o nome da língua de herança. Quanto às respostas dos enunciados *a* e *f*, percebemos a crença de que o *Talian* é uma língua inferior ao italiano-padrão. Sobre essas avaliações, Dal Corno, Faggion e Frosi (2011) salientam que até mesmo o fato de chamarmos a língua minoritária de dialeto a menospreza, uma vez que a contrapõe à língua oficial.

Quanto à pergunta seis, obtivemos as seguintes respostas pelos bilíngues falantes:

- a) Olha, um pouco de orgulho por aquilo que a gente sabe, né. Mas queria aprender o correto, né. Duas ou três palavras que nós sabemos, o restante é tudo “ *desbalhada*” GICa –M
- b) Eu não. Meus irmãos um certo tempo disseram que era errado, que tinha que ensinar os menores a falar brasileiro [...] eram mais velhos [...] mas ensinaram a mesma coisa, entende tudo, mas não sabem como que fala e como já falei nós falamos meio errado, ensinar o brasileiro as crianças (irmãos mais novos) em vez de ensinar o talian [...] GIICb-M⁸ (tradução e transcrição livre)
- c) Não tenho vergonha de falar, eu falo com qualquer um. GIICb- F

⁸ No original, “Mi no. Miei fradèi mi hà tanto tempo me ghà dito che noantri ghemo sbaglia, insegna i tosi a parla in brasiliano [...] pi vecchio [...] ma insegna a mesma cosa, capisca tuto, ma nhanca lo che parla e che me ghà dito noantri ghemo sbaglia, insegnà lo brasiliano a il tosi en vez de insegna nostro talian” [...]

Nessas respostas, encontramos as mesmas avaliações negativas presentes nas anteriores. Além disso, destacamos no enunciado *b*, que salienta a preocupação que os mais velhos possuíam em relação ao aprendizado do português rio-grandense pelos mais novos. Ao contrário dos outros dois informantes, a informante GIICb – F, sente orgulho da maneira que fala, demonstrando uma avaliação positiva em relação a sua fala.

Contudo, é possível inferir que os informantes ítalo-brasileiros que aqui tiveram suas respostas analisadas são informantes bilíngues passivos, com exceção dos bilíngues falantes pertencentes ao grupo GIICb. Todavia, podemos atrelar a origem desse problema com as políticas de nacionalização impostas na Era Vargas, as quais proibiam o uso de qualquer outra língua que não fosse o português.

Dessa forma, tais línguas foram substituídas pela língua majoritária de maior prestígio e *status*, ou seja, a língua portuguesa. Ainda no caso do *Talian*, de acordo com Dal Corno, Faggion e Frosi (2011), além da substituição pelo português, verifica-se a valorização da variedade padrão do italiano, ensinado em instituições de ensino ou até mesmo lecionado nas escolas como língua adicional.

Ademais, os mesmos autores pontuam que,

Quando ocorre uma situação de contato entre línguas, a língua identificada como um grupo de menor poder político, econômico e/ou cultural será a língua minoritária ou estigmatizada, contrastando com a língua majoritária ou de prestígio. Os falantes da língua minoritária são geralmente o grupo mais afetado pelas atitudes dos diferentes grupos sociais – na maioria dos casos, atitudes negativas- com relação à língua adotada. As consequências das atitudes negativas, segundo Grosjean (2001), podem incluir desde a crença de que não conhecem nenhuma das línguas de que são usuários até a completa substituição da língua minoritária pela majoritária (DAL CORNO, FAGGION, FROSI, 2011, p.16).

Por fim, podemos concluir que a substituição da variedade *Talian* na comunidade de estudo, Chapecó, além dos fatores citados anteriormente, está relacionada com as crenças e atitudes negativas que esses indivíduos demonstram através dos seus comportamentos linguísticos.

8.2 Análise das aplicações dos termos de parentesco por aliança (Questionário Lexical)

Neste tópico apresentaremos uma síntese dos resultados referentes às aplicações do questionário lexical de termos de parentesco por aliança. As respostas estão caracterizadas como: espontânea, insistência e sugestão, sendo que essa pode ser aceita ou não. Entretanto, como mencionado anteriormente, utilizaremos para nossa análise somente as respostas espontâneas.

Quadro 4 - Resultado das aplicações dos termos de parentesco por aliança

LEGENDA									
Resposta espontânea ● Resposta por insistência □ Sugestão aceita ▲ Sugestão não aceita ▼									
Chapecó – SC									
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	Termos	M	F	M	F	M	F	M	F
1	<i>Maregna</i>	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼
	Madrasta	●	●	●	●	●	●	●	●
	<i>Matrigna</i>								
2	<i>fiastro</i>	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼
	Enteado	●	●	●	●	●	●	●	●
	<i>Figliastro</i>								
	<i>Fiolastro</i>	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	
3	<i>Paregno</i>	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼
	Padrasto	●	●	●	●	●	●	●	●
	<i>Patrigno</i>								

4	<i>Fiastra</i>	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼
	Enteada	•	•	•	•	•	•	•	•
	<i>Figliastra</i>								
	<i>Fiolastra</i>	▼		▼	▼	▼	▼		
5	<i>Donna</i>	▲		▲	▲	•	▲	▲	
	<i>fèmene</i>	▲	•	•	▼	▲	•	□	▲
	Esposa	•		•	•	▲		•	•
	<i>Donna</i>		□						
	<i>Sposa</i>					▲	▲		
6	<i>Mari</i>	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼
	<i>Omo</i>	▲		•	▲	•	•	▼	▼
	Marido	•	•	•					•
	Esposo	•	•	•	•		▲		•
	<i>Uomo</i>								
	<i>Sposo</i>								
7	<i>Casal</i>	•	•	•	•	•	•	•	•
	<i>Coppia</i>	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	
8	Messieri	▼	▼	▼	▼	▲		▼	▼
	Sogros	•	•	•	•	•	•	•	•
	Sogri					•			

	Suoceri								
9	<i>Missier</i>	▼	▼	▼	▼	▲	▼	▼	▼
	<i>Sòcero</i>	▼		▼	▼	▼	▼	▼	▼
	Sogro	•	•	•	•	•	•	•	•
	<i>Suocero</i>								
10	<i>Sòcera</i>	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼
	Sogra	•	•	•	•	•	•		•
	<i>Suocera</i>								
	<i>Madona</i>						•		
11	<i>Cugni</i>	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼
	Cunhados	•	•	•	•			•	•
	<i>Cooniati</i>								
	<i>Cunhá</i>					•	•		
	<i>Cunhai</i>								
	<i>Cunhadi</i>								
12	<i>Cugnà</i>	▼	▼	▼	▼	•	•	▼	▼
	Cunhado	•	•	•	•			•	•
	<i>Coniato</i>								
13	<i>Cugnada</i>		▼		▼				
	Cunhada	•	•	•	•		•		•
	<i>Coniata</i>								

1 4	<i>Generi</i>	▲		▼	▼	•	•	▲	•
	Genros	•	•	•	•			•	
1 5	<i>Gènero</i>	▼	▼	▼	▼	▲	•	▲	▼
	Genro	•	•	•	•	•			•
	<i>Genero</i>								
1 6	Niora	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼	▼
	Nora	•	•	•	•	•	•	•	•
	<i>Nuora</i>								

Fonte: Dados do projeto ALCF-OC

Ao nos confrontarmos com os resultados apresentados pelo Quadro 4, perceberemos, através das respostas espontâneas, que quem mais sustenta a manutenção dos termos na variedade do *Talian* são os informantes da CbGII. Por outro lado, assim como o informante masculino da CaGII e a informante feminina CaGI, os informantes da CbGII substituíram 100% dos termos da variedade em *Talian* pelos da variedade do português. Além disso, os informantes CaGII feminino e CaGI masculino somaram três dos termos aplicados na variedade do *Talian*, sendo que ela utilizou um e ele dois.

Nesse sentido, partiremos agora para uma análise detalhada da aplicação de cada termo de parentesco por aliança. Inicialmente, é perceptível que os termos das perguntas 1, 2, 3 e 4 do questionário: madrasta, enteado, padrasto e enteada, foram substituídos em 100% para o português sul-riograndense.

Diante da questão 5 (cinco): *Dona, fêmene, Esposa, Sposa, Mari*, os informantes CaGII – M, CaGI – M e F, CbGII – F e CbGI – M, reconhecem o termo *Dona* através de sugestão, entretanto, aplicaram o termo em português rio-grandense esposa. Da mesma forma, o termo *Fêmene* foi reconhecido pelo informante CaGII- M, mas somente os

informantes CaGII – F, CaGI e CbGII o aplicaram. O informante CbGII teve como resposta espontânea o termo na variedade do *Talian*, *Dona*.

Assim como a questão 5 (cinco), a questão 6 (seis), que corresponde aos termos *Mari*, *Omo*, Esposo, *Uomo* e *Sposo*, foi a que mais recebeu aplicações de termos na variedade *Talian*. Além das aplicações do termo *Omo*, por parte dos informantes CaGI-M, CbGII-M e CbGII-F, os informantes CaGII-M e CaGI-F mencionaram já ter ouvido este termo. Os demais informantes, no entanto, aplicaram o termo esposo e marido do português rio-grandense.

Com relação às questões 8 (oito), 9 (nove), 10 (dez), que dizem respeito, respectivamente, aos termos *Messieri*, Sogros, *Suoceri*, *Missier*, *Sócero*, Sogro, *Suocero*, *Sócera*, Sogra, *Suocera*, *Madona*, é possível analisar que os termos do *Talian* foram substituídos quase que 100% pelos do português rio-grandense, com exceção do termo “*Sogri*”, aplicado pelo informante M da CbGII e o termo *Madona*, aplicado pela informante F da CbGII.

Já na questão 11 (onze) (*Cugni*, Cunhados, *Cooniati*, *Cunhá*, *Cunhai*, *Cunhadi*), seis dos informantes utilizaram o termo unhadados no português rio-grandense, como resposta espontânea. Por outro lado, tanto o informante M como a F da CbGII, utilizaram o termo *Cunhá*, da variedade *Talian*. Da mesma forma, os informantes da CbGII aplicaram o termo *Cugná* para a resposta da questão 12, enquanto o demais informantes utilizaram o termo cunhado. Além disso, na questão 13, todos os informantes aplicaram o termo cunhada, exceto o informante M da CbGII que utilizou o termo no *Talian*, *Cugnada*.

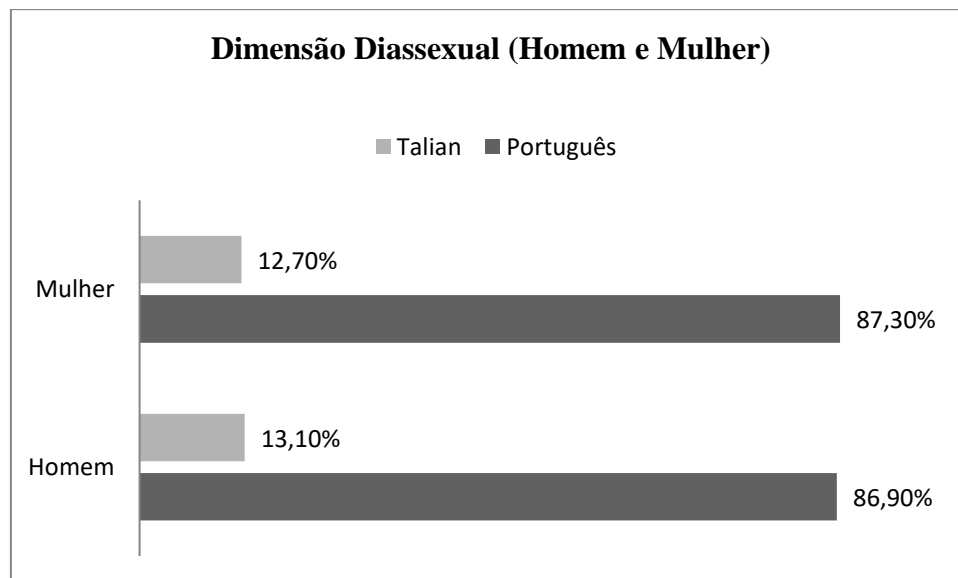
Com relação às questões 14 (quatorze), 15 (quinze) e 16 (dezesesseis), quem mais aplicou os termos na variedade *Talian* foram os informantes da CbGII, ambos respondendo a questão 14 (quatorze) com o termo *Géneri*, e os outros com o termo genros do português rio-grandense. Na questão 15 (quinze), apenas a informante F da CbGII usou o termo *Genéro* como resposta espontânea, enquanto o termo no português genro prevaleceu como resposta dos outros informantes. Por fim, na questão 16 (dezesesseis) os

termos do *Talian* (*Niora e Nuora*) foram substituídos 100% pelo termo do português, nora.

8.2.1 Comparação das aplicações dos termos de parentesco por aliança considerando a dimensão diassexual (gênero/sexo)

Passaremos a seguir para a análise da dimensão diassexual, ou seja, analisaremos agora quem sustenta mais a variante do *Talian* ou a do português rio-grandense, se é o homem ou a mulher. Podemos verificar o resultado em números percentuais no Gráfico 1, que se encontra logo abaixo:

Gráfico 1: Resultado das aplicações dos termos de parentesco por aliança considerando a Dimensão Diassexual



Fonte: Projeto ALCF-OC

Os resultados apresentados pelo Gráfico 1 demonstram que os homens, apesar de uma pequena diferença, são os que mais sustentam ou utilizam os termos de parentesco por aliança em uma variante do *Talian*. Das 61 respostas espontâneas dos informantes M, foram aplicados 8 termos na variedade do *Talian*, sendo que 6 desses termos foram

aplicados pelo informante CbGII e 2 pelo informante CaGI. Por outro lado, obtivemos 63 respostas espontâneas das informantes F e dessas 63, 8 foram aplicadas na variedade do *Talian*, 7 pela informante CbGII e 1 pela informante CaGII.

Cabe destacar que ambos, M e F, tiveram o mesmo número de aplicações na variedade *Talian*. As respostas espontâneas no português rio-grandense das mulheres, entretanto, foram mais recorrentes do que as dos homens: enquanto os homens obtiveram 53 aplicações no português rio-grandense, as mulheres aplicaram 55 vezes os termos na língua majoritária. Podemos verificar essas aplicações no Quadro 4.

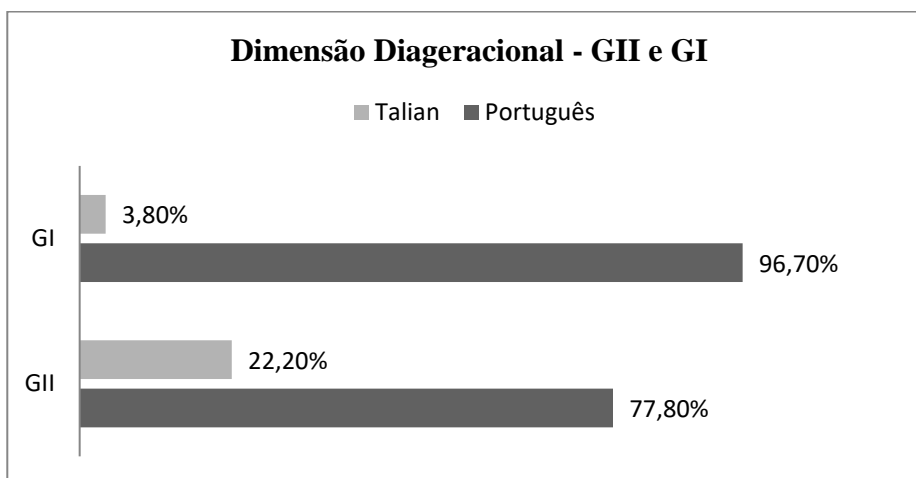
Em relação aos outros entrevistados, os informantes M CaGII e CbGI, aplicaram 100% dos termos no português rio-grandense, da mesma maneira as informantes F CaGI e CbGI substituíram 100% os termos da variedade *Talian* pelos do português rio-grandense.

Além disso, Horst (2011) salienta que os termos de aliança tendem a ser substituídos com mais facilidade pelos termos da língua majoritária, devido aos casamentos interétnicos, ou seja, casamentos de etnias diferentes.

8.2.2 Comparação das aplicações dos termos de parentesco por aliança considerando a dimensão diageracional (idade-GII – 55 anos ou mais – GI – de 18 a 36 anos de idade)

A seguir confrontaremos os dados das aplicações dos termos de parentesco por aliança, considerando a dimensão diageracional, ou seja, GII (indivíduos com 55 anos ou mais) e GI (entre 18 e 36 anos).

Gráfico 2: Resultado das aplicações dos termos de parentesco por aliança considerando a dimensão diageracional



Fonte: Projeto ALCF-OC

Considerando as comparações percentuais, constatou-se que a GII é a que mais mantém a variante do *Talian*, com um total de 22,2%, enquanto a GI totalizou 3,8%. Em números reais, obtivemos 124 aplicações de termos de parentesco por aliança, sendo que dessas 124 aplicações, 63 foram da GII e 61 termos foram utilizados pela GI. Em números inteiros, 14 termos foram aplicados no *Talian* pela GII e somente 2 (dois) pela GI.

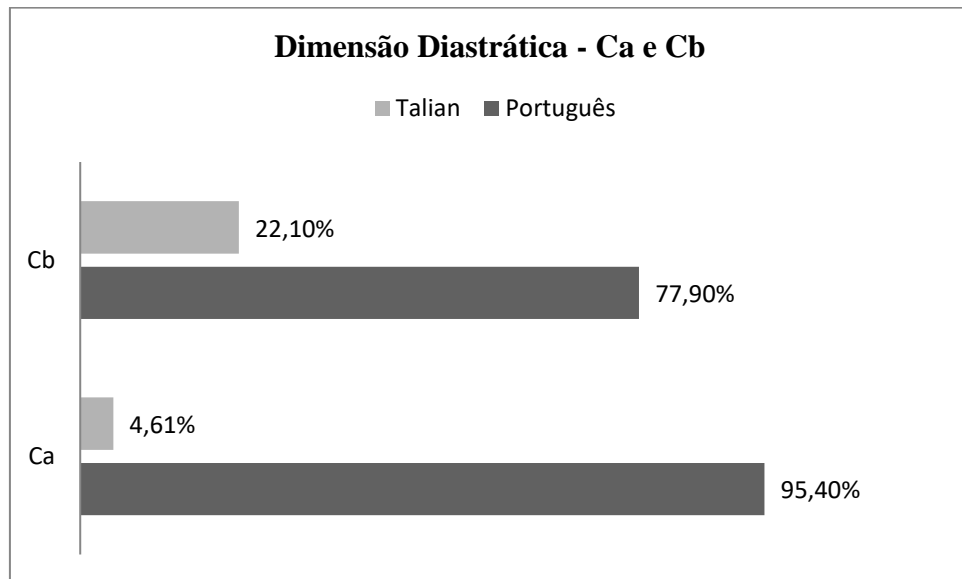
Dessa forma, podemos inferir que a manutenção do *Talian* ocorre com maior frequência na GII, ou seja, na geração mais velha, como apontam os estudos de Corbari (2012), os quais pontuam que as línguas de herança tendem a não serem passadas adiante pelas gerações, ou seja, prevalecem somente na geração mais velha.

8.2.3 Comparação das aplicações dos termos de parentesco por aliança considerando a dimensão diastrática (escolarização – Ca – com graduação ou mais – Cb de nenhuma escolaridade até Ensino Médio)

Na sequência, analisaremos os dados a partir da dimensão diastrática, ou seja, consideraremos a manutenção e a substituição dos termos de parentesco por aliança entre os informantes com graduação ou mais (Ca) e nenhuma escolarização ou até o ensino

médio (Cb). Em números reais, obtivemos um total de 124 aplicações, 65 foram aplicações da Ca e 59 da Cb. Além disso, foram constatadas 16 aplicações de termos na variedade *Talian*.

Gráfico 3: Resultado dos termos de parentesco por aliança considerando a dimensão Diastrática



Fonte: Projeto ALCF-OC

Notamos, a partir do Gráfico 3, que considera um total de 100%, que quem mais aplicou os termos na variante do *Talian* foram os informantes da Cb, com uma porcentagem de 22,10%, enquanto os informantes da Ca, totalizaram 4,6% das aplicações na variedade do *Talian*. Comparativamente, 100% equivale a 124, e as aplicações de termos de parentesco por aliança no *Talian* pela Cb equivalem a 13, enquanto os termos aplicados pela Ca, 3.

Diante disso, constatou-se que os informantes mais escolarizados foram os que mais substituíram os termos da variedade minoritária. De acordo com Dal Corno (2011), esse resultado pode estar relacionado com a obrigatoriedade do ensino de língua portuguesa nas escolas. Além do fato de que a variedade *Talian* é vista com menos prestígio e *status*.



Considerações finais

Com esta pesquisa, buscou-se averiguar as crenças e atitudes linguísticas de oito informantes ítalo-brasileiros residentes em Chapecó, Santa Catarina. Esses informantes foram selecionados a partir dos pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional, ou seja, levando em consideração o gênero/sexo, a idade e a escolarização.

Através dessa averiguação, foi possível constatar que grande parte dos informantes detém em suas falas crenças e atitudes negativas em relação à variedade estudada. Percebe-se, também, que a maioria acredita não saber falar de forma correta. Entretanto, além de avaliações negativas, podemos observar atitudes de lealdade, positivas, por parte dos bilíngues passivos, que lamentam o fato de não terem aprendido a língua de herança.

Dessa forma, a partir dos dados coletados pelo *Projeto Atlas das Línguas em Contato Na fronteira - Oeste Catarinense - ALCF-OC*, realizou-se uma análise em se tratando da influência dessas crenças e atitudes linguísticas na manutenção e substituição dos termos de parentesco por aliança. Para tal, realizamos análises a partir de comparações entre as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.

Com essas análises, ou seja, a partir do uso real da língua/aplicação dos termos de parentesco por aliança, foi possível constatar que ao longo das gerações a língua minoritária está sendo substituída pela língua majoritária. Podemos considerar que este fato teve sua origem a partir das campanhas de nacionalização realizadas na Era Vargas, que impuseram o uso único da língua portuguesa. Além disso, como podemos verificar nos resultados apresentados, as crenças e atitudes negativas em relação à variedade do *Talian* são influenciadas por fatores externos, uma vez que o trabalho, a família, a escola, os amigos tiveram um papel decisivo nessa constatação. Para a explicação de tal fenômeno, Pinho (2008) justifica que

A manutenção ou mudança da língua minoritária é fruto coletivo de padrões de escolha linguística dos sujeitos. Atitudes negativas podem levar a mais rápida extinção de uma língua minoritária, mas atitudes positivas não são o suficiente para salvá-la. Apesar de falantes de línguas minoritárias apresentarem atitudes positivas quanto a sua língua, eles podem não querer transmiti-la a seus filhos, para que eles não passem pelas mesmas dificuldades



de aprender a língua majoritária em uma aula linguística e nem pelo preconceito quanto ao sotaque. (PINHO, 2008, p.02)

Além disso, essas constatações comprovam a importância dos estudos nas ramificações de crenças e atitudes linguísticas, pois estes possibilitam, entre outros aspectos, compreender mudanças ocorrentes em determinadas línguas, assim como a desvalorização de uma variedade.

Dessa forma, concluímos este trabalho constando a nossa hipótese idealizadora, ou seja, que as crenças e atitudes linguísticas são responsáveis por mudanças linguísticas ocorrentes na variedade minoritária, inserida numa comunidade de contato linguístico complexo, como é o caso do *Talian* em Chapecó. O que ocorre nessa comunidade de estudo vai ao encontro dos estudos de Pertile (2009), os quais evidenciam que o que ocorre não é a morte da língua em si, mas um processo de redução drástica e sem chances de continuidade.

Portanto, nossos dados reforçam a necessidade de ações que estejam voltadas para a valorização e conscientização da importância da língua minoritária na região, uma vez que a língua é um traço definidor da identidade do sujeito, como apontam os estudos de Aguilera (2008) e atitudes positivas sozinhas não garantem a manutenção ou sobrevivência de uma língua.

Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 37, p.105-112, 2008.
- ALTENHOFEN, V. Cléo; MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. Os contatos linguísticos e o Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Minas Gerais: Ufmg, 2011.
- ALTENHOFEN, V. Cléo; MARGOTTI, W. Felício. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Minas Gerais: Ufmg, 2011.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language maintenance and shift**. In: APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and Bilingualism**, 2005, p. 32 à 45.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Dossiê: Crenças e atitudes linguísticas em regiões



de línguas em contato: Crenças e atitudes linguísticas: Um estudo da relação do português com línguas de contato em Foz do Iguaçu. *Línguas e Letras*, Paraná, v. 12, n. 22, p.65-84, 2011.

BORELLA, Sabrina Gewehr. "Tu dampém fala assim?": macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras. Ufrgs, Porto Alegre, 2014.

BORTOLOTTI, Paula Cristina Merlo. *O Talian na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó-SC e Pato Branco – PR: Manutenção e substituição dos termos de parentesco*. 2015. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Uffs, Chapecó, 2015.

BUSSE, Sanimar; SELLA, Aparecida Feola. *Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná*. *Signum: Estudos da Linguagem*, Paraná, v. 15, n. 1, p.77-93, 2012.

CORBARI, Clarice Cristina. *Atitudes linguísticas: Um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. 2013. 259 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Ufba, Salvador, 2013.

DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani; FAGGION, Carmen Maria; FROSI, Vitalina Maria. *Estigma: Cultura e Atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs, 2011.

FROSI, M. Vitaliana. RASO, Tommaso. O Italiano no Brasil . In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Minas Gerais: Ufmg, 2011. Cap. 14. p. 317-348.

HORST, Cristiane. "Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa". *A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil – Tese de doutorado*. Kiel, Westensee – Verl. 2011 [Zug: Kiel, Univ. Diss., 2011].

KAUFMANN, Goz. *Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos*. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Minas Gerais: Ufmg, 2011. Cap. 4. p. 77-121.

PASTORELLI, Daniele Silva. *A Crença e a atitude linguística do capanense*. *Línguas e Letras*, v. 12, n. 22, p.13-41, 2011.

PERTILE, Marley Terezinha. *O talian entre o italiano -padrão e o português brasileiro: Manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai Gaúcho*. 2009. 248 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pós Graduação em Letras, Ufrgs, Porto Alegre, 2009.

PINHO, Isis da Costa. *Diversidade lingüística e Identidade: as micro-decisões na manutenção/perda de uma língua materna minoritária*. *Contingentia*, v. 3, n. 1, 2008. Disponível em: <
<http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/4159/2951#capitulo2topo>>. Acesso em: 16 set 2016.



RADIN, José Carlos. **Italianos e Ítalo-brasileiros na colonização do oeste catarinense**. 2. ed. Joaçaba: Unoesc, 2001.

THUN, Harald. **La geolinguística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)**. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tubingen: Niemeyer, 1998b. v. 5, p. 701-729.

UFLACKER, Cristina Marques; SCHNEIDER, Maria Nilse. **Atitudes linguísticas e variedades dialetais alemãs**. Uniletras, Ponta Grossa, v. 30, n. 1, p.33-51, 2008

Recebido Para Publicação em 30 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 28 de maio de 2017.